



Uma experiência de leitura da infância berlinense de Walter Benjamin – litorais com a psicanálise

A reading experience of Walter Benjamin's Berlin childhood – littoral zones with psychoanalysis

Manuela Sampaio de Mattos

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre,
Rio Grande do Sul/ Brasil
manuelasmattos@gmail.com

Josiane Noveli

Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Porto Alegre, Rio Grande do Sul/
Brasil
josiane.noveli@outlook.com

Izabel Campos

Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Porto Alegre, Rio Grande do Sul/
Brasil
izabel.campos13@gmail.com

Luísa Puricelli Pires

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do
Sul/ Brasil
luisa_puricelli@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compartilhar a experiência conjunta de leitura da obra *Infância berlinense: 1900*, feita no grupo textual “O pensamento de Walter Benjamin e a psicanálise”, que se realiza quinzenalmente na Associação Psicanalítica de Porto Alegre, desde março de 2018. Além de expor algumas articulações teóricas feitas nos encontros entre o pensamento benjaminiano e a Psicanálise, esta escrita tenta

contar sobre a experiência de leitura tida em grupo. Os principais pontos de trabalho percorridos no grupo são a temática da infância, das imagens, do sonho e da memória no pensamento de Benjamin, sendo esses tópicos relacionados com a teoria psicanalítica de Freud e Lacan, e neste trabalho são apresentadas algumas dessas articulações. Dentre elas, é trabalhada a relação das imagens da infância e da memória em Benjamin com a noção do infantil em psicanálise. Também são associados os limiares e as passagens narrados no texto benjaminiano com a ideia lacaniana do intervalo entre significantes e, por fim, a temática das imagens é aproximada à teoria psicanalítica a respeito dos sonhos.

Palavras-chave: infância; infantil; imagem; Benjamin; psicanálise.

Abstract: This work aims to share the collective experience of reading the work *Berlin Childhood around 1900*, carried out in the textual group “The thinking of Walter Benjamin and psychoanalysis”, held every two weeks in the Psychoanalytical Association of Porto Alegre, since March 2018. In addition to exposing some theoretical articulations between the Benjaminian thought and Psychoanalysis prepared in the meetings, this writing tries to communicate the experience of reading taken in a group. The main topics worked in the group are the thematics of childhood, images, dreams and memory in Benjamin’s thought, and these topics are related to the correspondent psychoanalytical theory of Freud and Lacan. This work tries to present some of these articulations held in the group meetings, and among them is the relation of the images of childhood and memory in Benjamin with the notion of the infantile in psychoanalysis. The subject of thresholds and passages narrated in the Benjaminian text is also enunciated with the Lacanian idea of the interval between signifiers and, finally, the thematic of the images is approximated to the psychoanalytical theory about the dreams.

Keywords: childhood; infantile; Image; Benjamin; psychoanalysis.

1 Introdução

Nos encontros do grupo textual “O pensamento de Walter Benjamin e a psicanálise”, que se realiza quinzenalmente na Associação Psicanalítica de Porto Alegre, desde março de 2018, lemos conjuntamente as memórias de Benjamin sobre sua infância em Berlim, sua cidade natal, muito admiradas pelo impacto que a força de sua escrita provoca em cada uma de nós. Os escritos sobre a infância berlinense de Benjamin possuem cinco versões conhecidas até o momento. No grupo, nos debruçamos sobre a tradução de João Barrento, intitulada *Infância berlinense: 1900* e publicada pela editora Autêntica, e baseada no exemplar datilografado de

1938, encontrado por Giorgio Agamben em 1981 na Biblioteca Nacional de Paris, o qual foi chamado por Benjamin de *Versão de última mão*. A escolha por esta versão reside no fato de ela trazer diferenças em relação à publicação trabalhada pela recepção desta obra até 1989, quando foi incluída na edição crítica, e por ser a única em que o número e a ordem dos textos foram determinados por Benjamin. A grande diferença desta versão consiste em ela ter esta ordem nova dos textos e em trazer menos peças, além de possuir uma seção introdutória chamada “palavras prévias”. Entendemos que nossa atividade de leitura desta obra específica de Benjamin no grupo textual configura um terreno de compartilhamento de experiências, pois somos convocadas a rememorarmos nossa própria infância e nossa experiência profissional. A partir do contato com o texto e dos comentários colocados na via da associação livre, traçamos enlaces teóricos sem o objetivo previamente traçado de chegar a um ponto ou outro, de modo semelhante à posição do psicanalista, que não tem objetivos pré-determinados, mas se deixa contaminar pelos ritmos que os analisantes engendram em transferência. No intuito de compartilharmos um pouco dessa experiência, entraremos em uma análise de trechos de *Infância berlinense: 1900*, percorrendo os litorais que se formam entre o pensamento de Benjamin e a psicanálise.

2 Da infância ao infantil

Em sua escrita, Benjamin traz as questões que perpassam a subjetividade de seu tempo através das imagens fugidias da memória da infância em sua cidade natal, na situação do exílio. Tais imagens por ele descritas nos remetem a um tipo peculiar de memória, que emerge somente sob determinadas condições subjetivas e objetivas. Uma narrativa que traz a memória através dos cheiros, dos sons, dos sabores, da luz e das sombras de um quarto infantil, assim como da cidade e de seus meandros, como no caso da peça “coluna da vitória”, onde Benjamin conta de uma visita que fizera a tal monumento enquanto era aluno do terceiro liceu. Nesta passagem, ele conta que o que lhe interessou foram os detalhes. “[os] dois vassalos que coroavam de ambos os lados, a parte de trás do conjunto de mármore, (...) mais baixos que seus senhores, e mais fáceis de ver” (BENJAMIN, 2013, p. 73).

O autor narra suas memórias da cidade, não por acaso, desde a perspectiva do olhar de uma criança. Esta perspectiva propicia um contato

com os detalhes, o que está abaixo e não em destaque, e que se diferencia do olhar do adulto e da perspectiva monumental. Sua escrita delimita a diferença da percepção da criança em relação ao mundo que a cerca e remete a experiências que são, ao mesmo tempo, familiares e estranhas, por nos convocar à singularidade de um tempo do “infantil”, que diz respeito ao sujeito do inconsciente. E é aí, que pensamos encontrar uma interface inicial com a psicanálise nos textos de Benjamin.

Com este intuito, buscamos demarcar pontos conceituais de virada sobre as noções de infância e infantil que se construíram ao longo da história, principalmente na teoria de Freud: o reconhecimento de uma sexualidade infantil, mediante a passagem pelo complexo de Édipo e o interesse não mais naquilo que o paciente recordava, como fato literal, mas nos conteúdos intensos vividos na infância e esquecidos por algum motivo. Este material passa a ser considerado de maior relevância na compreensão das formações de compromisso do inconsciente, e passa a construir um *locus* de preservação do infantil, ou seja, um reservatório de marcas e representações singulares das vivências da infância na vida do sujeito (FREUD, 1980a). Longe de uma análise exaustiva sobre o tema, já que o espaço não comportaria tão delicada tarefa, importamos ter em mente que a infância, tal como a concebemos hoje, é uma construção social, produto dos deslocamentos operados pela cultura, no decorrer da história da humanidade, até chegar nas construções psicanalíticas entre Freud e Lacan. A partir dos estudos de Philippe Ariès (1981), acompanhamos a descoberta da infância no século XIII, mas o desenvolvimento desta noção se deu, de forma mais significativa, a partir do fim do século XVI e durante o século XVII, com o advento do pensamento iluminista. Somente a partir de então, começou-se a delinear um novo estatuto às crianças, até então reduzidas a “adultos em miniatura”, criando-se a concepção de “infância” como um período do desenvolvimento humano, destacado da fase adulta, em que se desenvolve uma série de procedimentos e cuidados em direção às crianças com vistas a educá-las e prepará-las para que a sociedade ocidental tivesse adultos bons e produtivos, assegurando, assim, o futuro da civilização.

Com o advento da psicanálise, a partir das formulações freudianas, as experiências vividas na infância se tornam centrais para a constituição do aparelho psíquico, pois parte delas fundam no psiquismo a instância do infantil, que continuará incidindo ao longo de toda a vida do sujeito. No texto *Projeto para uma psicologia científica* (1980b), de 1895, as

noções de desamparo e busca de satisfação como elementos constituintes da subjetividade, ganham importância determinante. Especificamente nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (2006) de 1905, Freud descreve o circuito pulsional, onde o corpo do bebê, por sua imaturidade orgânica e estrutural, é incapaz de aplacar por si próprio o desprazer, e se vê em estado de desamparo, sendo o choro a única forma de comunicação com o outro que poderá atender ao seu chamado e proporcionar sua satisfação. Este primeiro encontro do bebê com o seio materno propicia uma sensação de apaziguamento, pondo fim a este desprazer, que fica registrado, mas que o sujeito não tem condições de nomear. Inaugura-se, a partir de então, uma primeira experiência de satisfação, que é construída no psiquismo do sujeito enquanto parte de um mito, que deixa um traço mnêmico e inaugura o circuito pulsional do desejo.

No percorrido dos escritos de Freud, fica claro que permanece no adulto algo da sexualidade infantil e a busca de satisfação total, que nunca será alcançada, o que tornará a pulsão sempre errante e sem um objeto previamente definido. Freud logo abandona sua primeira hipótese do conceito de trauma sexual infantil e, a partir da introdução do conceito de fantasia como um elemento fundamental na construção do processo de rememoração das cenas, nas lacunas do material recalado da infância, passa a abordar “o infantil” a partir da lógica do inconsciente, estabelecendo uma relação intrínseca com a pulsão. Processos estes que, como veremos mais tarde em Lacan, sempre deixam um resto que não conseguimos simbolizar, que fica fora da dimensão da representação, já que o simbólico nunca recobre totalmente o Real, que é a dimensão traumática da experiência humana. O infantil, portanto, diferencia-se da infância por ganhar o estatuto singular das experiências de cada um, e figura como parte constituinte do psiquismo do sujeito.

Aqui pensamos ser interessante trazer alguns fragmentos do texto “A febre” onde o infantil em suas memórias, rico em devaneios, em fantasias e jogos típicos da infância descreve as lembranças das enfermidades comuns na infância e, com elas, “a febre”. Benjamin (2013) inicia o texto da seguinte maneira: “a cada vez que uma doença se anunciava, eu aprendia sempre uma coisa: que o infortúnio tinha artes, seguras, delicadas e hábeis, de se chegar até mim. Nada de espetacularidades” (p. 87). E segue:

Por maiores que fossem o cuidado e o amor, não chegavam para integrar sem quebras o meu quarto na vida da nossa casa. Tinha de esperar até o anoitecer. Então, quando a porta se abria diante do candeeiro e a curva da sua chaminé oscilava na soleira e vinha ao meu encontro, era como se a esfera dourada da vida que fazia girar cada hora do dia tivesse encontrado pela primeira vez o caminho para o meu quarto, como para uma gaveta escondida. E antes de a noite se ter definitivamente instalado no meu espaço começava para mim uma nova vida; ou antes, a velha vida da febre despontava de um momento para o outro sob a luz do candeeiro (BENJAMIN, 2013, p. 90).

Em outra passagem, algo parece vir de um sombrio limiar entre a vida e a morte, a tecer as teias do desejo: “ansiava por ouvir histórias. (...) Foram elas que me revelaram o pouco que vim a saber sobre a minha família” (p. 89), e nelas “evocava-se a carreira de um antepassado remoto, as regras de vida do avô, como se me quisessem fazer ver que seria precipitado abdicar, por uma morte prematura, dos grandes trunfos que minha linhagem me punha na mão” (p. 86). É interessante observar como frequentemente aparece nas passagens de *Infância berlinense: 1900* essa dimensão da experiência humana, que escapa à representação no que toca a relação com a mãe, o sexo e a morte. Maria Rita Kehl, em um texto intitulado (2000) “O sexo, a morte, a mãe e o mal” propõe que a Mãe (enquanto representação da mulher), a Morte e o Sexo (originário), seriam as três dimensões que ficam realmente fora da representação, para todos nós, pois têm em comum o fato de serem dimensões fundamentais da nossa existência que ficam fora da experiência por se relacionarem primeiramente ao ato sexual que nos deu origem e que, no entanto, nos exclui radicalmente; depois, ao ventre materno que nos concebeu e expulsou, sem que pudéssemos ter participação ativa sobre este evento; e, por fim, à morte, em que “nosso corpo estará, sem que estejamos nele” (p. 138). Estas três dimensões são as únicas, segundo Kehl, em que, embora sejamos uma coisa viva, estamos numa posição de passividade absoluta e totalmente entregues ao poder do Outro.

Resgatando a leitura de Freud entrelaçada à narrativa do infantil em Benjamin, é importante reter que o infantil é algo que permanece no adulto, somente possível de ser abordado de forma indireta. O conceito de infantil, em psicanálise, não se refere, portanto, tão somente à criança ou à infância, pois mesmo aí, o que a criança se põe a narrar, provém de

impressões advindas de um tempo anterior, reconstruído “só depois”, a partir de lembranças fundadas sob o véu de fantasias e desejos. Trata-se do que Freud colhia mediante a narrativa de seus pacientes adultos acerca de suas recordações deste período, e do que Benjamin traz do infantil que o acompanha no exílio, sob a forma de narrativa poética e semificcional de suas experiências de infância na cidade de Berlim.

2 Limiar

Contamos com o fantasiar no seguimento aos trâmites do que nos acomete desde nosso instante inicial. Assim, pelos relatos de Benjamin, reabrimos as cenas fantásticas de nossa infância, reencontrando novas possibilidades de abordagem à mesma fantasia tantas vezes revisitada. Nas mesmas cenas, o para além do já acessado e tantas vezes contado, a possibilidade de eleger outros pensamentos acerca do já instituído, e concluímos daí nossa comunhão, de que muito mais havia naquelas cenas. O céu é o limite na imaginação infantil, o que nos coloca a seguinte questão: que tantos restos vamos deixando pelo caminho a partir de nosso infantil?

Freud aborda a fantasia não como fatos, mas como cenas difusas passíveis de serem relatadas em análise. Relato hesitante de impressões corriqueiras que convocam a um analisante e não a outro, denotando assim o caráter singular da psicanálise. Ainda assim, segundo Lacan, inscritos na ordem simbólica, agenciada pelo significante, estamos situados em uma referência ao significante que nos dá a condição de uma resposta ao laço social.

Lembremos o contexto em que *Infância berlinense: 1900* foi escrito. Uma Berlim que se esvai em perseguição e extermínio, quem sabe um escrito com o intuito de resgatar o vigor da transparência do infantil, buscando não só um suporte diante da barbárie, mas a preservação dos ícones de uma infância depositária de uma transmissão: “eu olhava do alto da linha para as pequenas casas, os pátios, os celeiros e as cumeeiras” (BENJAMIN, 2013, p. 84) e, então, “perguntava a mim mesmo se não teriam sido precisamente esses lugares àqueles cujas sombras os pais daquelas velhas tiazinhas, que em pequeno visitava, haviam deixado atrás de si” (p. 84).

Benjamin nos coloca uma implicação. Para tanto, é necessário que aceitemos o convite à imersão nesse experimento. Assim, de

uma maneira muito potente, experimentamos na leitura de *Infância berlinense: 1900* o resgate a um peculiar lugar, o limiar. Na proposição de Benjamin, como um despertar. Local em que dois campos, onírico e vigília, inconsciente e consciente, passado-presente e futuro, penetram-se mutuamente. Um espaço-tempo originado por um clarão composto por fragmentos de imagens que ali, em um particular instante, podem ser lidas. Detalhes que escapam neste instante podem surgir ou não em outro. Como um caleidoscópio, o primeiro tempo da imagem difere de um segundo que revela outra imagem inédita a partir da primeira. Que fragmentos pertencem ao primeiro e ao segundo tempo na construção da imagem do instante presente? Passado revelando o presente? Presente revelando o passado? Essa possibilidade de desconstruir a linearidade do tempo aponta uma questão a Benjamin que o leva a sua dialética na imobilidade, localizada na forma da imagem dialética. Seu interesse é a fixação promovida por esse clarão deixando o rastro constituinte da história e, por que não dizer, promotor do que nos acomete.

Em seu ensaio *A imagem de Proust*, de 1929, Benjamin (1994) entende que o escritor não descreveu como de fato foram os acontecimentos de uma vida, mas sim uma vida lembrada por quem viveu, ou seja, a importância está nas lembranças do vivido, do experienciado, na via da memória involuntária. E poderíamos resgatar aqui o estatuto subversivo dado por Benjamin à questão da memória animada por uma ética, como a possibilidade de análise e transformações nos regimes sociais, os quais induzem a uma clara condição de submetimento e alienação. Benjamin aponta para a importância daquilo que não se vê, e, por consequência, não se conta de uma ordem geral. Não se vê, não se conta, mas que opera em nossos destinos. Aproximando da psicanálise, poderíamos ler o limiar como um lugar na contingência de um movimento subjetivo. Ao analisante cabe palavrear a cena em análise, ao analista a ação interpretativa, revelando o lugar do sujeito no discurso. Encontramos nas *Passagens* de Benjamin (2018, p. 1436): “serei eu aquele que se chama W. B. ou chamo-me simplesmente assim?” <Qº, 24>. Entre este ou aquele, poder pensar nos efeitos de sentido desse tempo/espaço entre os dois. Anterior e posterior, dentro e fora, tudo ao mesmo instante, onde a matéria prima é a fantasia fomentada pela (com)posição de imagens e palavras. Seu conceito de imagem dialética faz oposição à interação de imagens e palavras, ou seja, ao conceito de representação como abordado pela psicanálise. Segundo Lacan (2005), a tela pintada pelo surrealista

René Magritte, “A Condição Humana” (1933) é o que mais se aproxima da representação da fantasia. Um quadro de uma paisagem foi colocado num tripé, frente a uma janela. O tema do quadro é exatamente igual à paisagem exterior. Na figura do quadro, de algum modo, está a expulsão da paisagem real (externa) do ponto de vista do sujeito, criando uma confusão entre a representação e o original, um possível experimento do *nonsense*. É algo que se pinta na tela que oculta a janela, ocultando a visão que a janela oferece. É instigante considerar os possíveis restos que advém desse instante. E, estabelecendo um paralelo com a imagem como dialética na imobilidade, não se trata da paisagem real estando ali desde sempre, nem da pintura colocada à sua frente naquele agora, mas ao lampejo provocado pela sobreposição que coloca o sujeito por um instante na angústia diante do inapreensível experimentado ali e, a esse respeito,

[...] não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética – não de natureza temporal, mas imagética. Somente as imagens dialéticas são autenticamente históricas, isto é, imagens não-arcaicas. A imagem lida, quer dizer, a imagem no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura [N 3, 1] (BENJAMIN, 2018, p. 768).

Acompanhamos, Benjamin na leitura de suas imagens e na relação do “ocorrido com o agora”. Em “Varandas”, o convite feito às cariátides para que abandonassem, por um momento, seu lugar na varanda do andar de cima para junto ao berço, em proferindo um canto, nada revelaria do que o aguardava mais tarde, mas abrigaria algo da ordem de um método que perpetuasse o ar absorvido por ele em forma de um encantamento, “é esse também o ar em que respiram as imagens e alegorias que dominam o meu pensamento” (BENJAMIN, 2013, p. 70), sempre enfeitado pelo encanto. Essa prática vai para além de uma observação meticulosa, e aqui vale uma nova aproximação com a psicanálise, considerada por Lacan, do ponto de vista da ética, como uma práxis, teoria que passa a fazer parte da experiência vivida. O experimentado no passado sendo reescrito na contingência desse presente.

A troca das estações sugerindo a troca de tempos, assim como o acontecimento imprevisto que virá. O envelhecimento do tempo na passagem aos pátios, a manhã que sempre se antecipava a sua chegada na varanda. Havia uma árvore, mas o que mais chamava a sua atenção era o lugar da árvore, uma abertura feita na terra delimitada por um aro de ferro, o que se passaria naquele buraco negro de onde saia um tronco? O movimento se dá como um balanço, em um vai e vem entre a redescoberta e a descoberta trazida pela lembrança experimentada naqueles pátios. Pátios e varandas pouco mudaram mantendo as lembranças vívidas como um conforto a quem obrigatoriamente cruzou, por expulsão, o que Benjamin considera a fronteira da habitação Berlimense, suas varandas.

As passagens a que Benjamin faz referência no texto *Infância berlimense: 1900* iluminam o tema do limiar. Pensando no tema das passagens, inquietou-nos a narrativa de Benjamin acerca da arquitetura das casas antigas e suas varandas, onde se podia passar horas a fio sem nada para fazer, apenas observando a vida que passava na rua ou nos pátios internos e nas cenas privadas dos vizinhos. Do mesmo modo, as passagens secretas nas casas das tias velhas reportaram-nos ao inusitado esconderijo - aquele lugar em que a criança fica fora da observação dos adultos, entregue às suas fantasias. As casas antigas eram construídas com essa ideia de manter um espaço de certa marginalidade, até mesmo porque, muitas vezes, precisam se resguardar de ataques e guerras, formalizando uma informalidade própria das rotas de fugas. Ao contrário das casas de agora, tinham espaços livres para um transitar infantil que, atualmente, na arquitetura das grandes cidades, se restringiu majoritariamente ao que tem utilidade e praticidade. Não é à toa que tanto nos fascina visitar casas antigas com pés direitos altos e detalhes rebuscados, parece que eles nos ligam aos contos fantásticos, tão presentes em nossas fantasias infantis.

3 A escrita dos sonhos

A partir de 1900, em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (2006) deixa de se ocupar com a verdade factual das narrativas de seus analisantes e passa a escutar o aspecto fantasioso das lembranças. Levando sempre em consideração a realidade psíquica e o que se passa na relação do sujeito com o outro, Freud escreve sobre aquilo que ele escuta na sociedade em que está inserido. Destaca, assim, a vivência infantil como traumática, apontando não mais para algum abuso sexual

que pudesse ter ocorrido na realidade, como quando começou a escutar as históricas, mas para a sexualidade infantil. Trazendo a noção de libido, ele enlaça a criança a uma posição de sujeito desejante - desejo este que provém originalmente dos pais e que lhe é transmitido na formulação de uma relação de alteridade. Neste sentido, Freud está descrevendo uma situação vivenciada como traumática, mas constitutiva do sujeito enquanto membro de uma cultura.

Dentre as manifestações do inconsciente, entretanto, Freud destaca os sonhos. Justamente por seu caráter substitutivo, eles se tornam fundamentais para o entendimento de sua teoria e sua prática clínica. O processo do trabalho onírico, assim intitulado por Freud, elenca as mais criativas e complexas movimentações psíquicas, em que o inconsciente, em seu formato mais primitivo, chama as percepções que restaram do dia para interagirem na tela de percepção do sono. Buscando a satisfação, ali são chamadas a comparecer as imagens, as percepções olfativas e sensoriais das primeiras vivências infantis, que promovem a intensidade do sonho. Criando camadas de materiais que se sobrepõem uns aos outros, a elaboração do sonho faz referência a uma apresentação que fala de seu conteúdo no próprio modo de se apresentar. Quando sonhamos, sentimos que estamos em outro tempo e nessas cenas, misturamos vivências, em uma produção extremamente criativa e rica para o psiquismo em diferentes níveis, visto que muitos desejos se realizam conjuntamente.

Freud chegou a dizer que o sonho em si mesmo já se constituía enquanto um processo de elaboração, tendo um efeito curativo. Primeiramente, o próprio sono já é uma satisfação, à medida que realiza o desejo de dormir. Em consonância a isso, a liberação, embora provisória, das representações inconscientes recalçadas produz um grande alívio da força psíquica despendida no recalçamento, mantendo, assim, o equilíbrio entre os registros. De forma mais ampla, há a satisfação do desejo recalçado propriamente dito, que encontra, no sonho, uma forma de se realizar disfarçadamente, sem comprometer a integridade do sujeito. E, por último, podemos dizer que o sonho encontra ainda mais uma possibilidade de satisfação quando o sujeito vai à análise e conta ao seu analista aquilo que ainda resta em sua consciência a respeito do sonho. Através do método da associação livre, o analisante se põe a narrar o sonho do sonho, enquanto o psicanalista escuta o infantil contido nesse emaranhado de produções, reconstruindo as fantasias sexuais infantis, não na sua literalidade, mas no possível limiar dos fragmentos mnêmicos.

Primordialmente em forma de imagem, o sonho nos reporta a essa sexualidade infantil recalcada que nos representa. A universalidade do complexo edípico, proposta por Freud e, mais do que isso, a universalidade de uma sexualidade infantil que permanece ecoando na vida adulta, reflete a força do inconsciente, que, em sua marginalidade, nos acompanha. Na comunicação inconsciente tudo é possível, a obscuridade, os dejetos e a morte estão lado a lado com o amor, firmando um compasso, modo pelo qual algo a respeito dos sonhos nos conecta a todos.

Nesse diapasão, viemos questionando-nos sobre o porquê da narrativa de Benjamin sobre a infância berlinense em 1900 nos tocar tanto. Junto aos efeitos da imagem e do infantil, que estão tão presentes em sua narrativa, aproximamos a escrita de Benjamin da escrita de Freud, também em 1900, acerca dos sonhos. Nos sonhos, o inconsciente aparece de modo abrupto e intenso e, com intensidade sensorial única, regredindo até as marcas mnêmicas mais precoces e reproduzindo-as em seu caráter lacunar. Enquanto, em 1900, Freud publica a *Interpretação dos sonhos* apontando que os seres humanos são guiados pelo inconsciente, Benjamin escreve sobre sua infância nos 1900 e, mais profundamente, sobre o infantil que persistia ainda por ser escutado no adulto, propondo, assim, trazer a experiência infantil como conteúdo a ser tratado pela filosofia.

Nesse processo, nos chamou a atenção a forma como Benjamin apresenta suas ideias, desdobrando-as e reorganizando-as a todo o momento. As palavras são usadas como imagens, em um feito de figurabilidade que nos mantêm em suspenso. Trata-se de uma constante tentativa de falar dessa imagem que sempre escapa e que, quando aparece, não se propõe a ser total. Em Benjamin, os restos e os dejetos têm importância fundamental. Não é à toa que ele persiste como um escritor das margens, dando destaque ao que parece não ter valor e mantendo uma curiosidade entusiasmada com os detalhes que nos cercam no cotidiano. Ele pode falar de forma profunda e inusitada do esgoto da cidade, da chuva que cai e das luzes que refletem em seu quarto. Benjamin parece escrever sobre o que tenta esquecer. Falando de morte e de sexualidade toma os dois conceitos fundamentais da psicanálise trabalhados por Freud através das pulsões de vida e de morte. Ora, qualquer coisa que se fale sobre a morte, não dá conta de dar uma notícia sobre a morte. E aqui fica imperioso para nós destacarmos a peça “Notícia de uma morte”, que foi editada de diferentes formas por Benjamin nas várias versões de *Infância berlinense: 1900* – nesta edição em um caráter ainda mais

condensado. Diferentemente do que Ernani Chaves (2007) aponta acerca dessa narrativa, escutamos ali muito mais o caráter traumático do seu encontro com a morte e com a fragilidade do pai do que as questões sexuais. Para além disso, parece-nos que fica marcado em Benjamin a necessidade de fazer falar não a morte em si, mas o formato como sua notícia se apresenta. Ora, ao fim e ao cabo, sempre se trata de como a morte recai sobre nós. Fica, assim, enunciado na peça um aspecto traumático, que perpassa seu pai e sua narrativa, dando a ver um instante em que o adulto busca um quarto de criança para tentar fazer borda a sua angústia. Benjamin deixa transparecer como a imagem do quarto infantil permanece em si mesmo, para além das palavras proferidas pelo pai, fixando-se ali um refúgio, um aconchego, próprio da ingenuidade da infância, a que se pode retornar quando as coisas se tornam pesadas demais.

Eu devia ter uns cinco anos. Uma noite, quando já estava na cama, o meu pai entrou no quarto. Vinha dar-me boa-noite. Talvez tenha sido um pouco contra vontade que me deu a notícia da morte de um primo, um homem já velho que pouco significava para mim. O meu pai foi me dando a notícia com todos os pormenores. Não retive tudo o que me contou. Em contrapartida, ficou-me na memória o meu quarto nessa noite, como se soubesse que um dia ele voltaria a dar-me que fazer. Quando já era adulto, soube que o primo tinha morrido de sífilis. O meu pai tinha entrado para não ficar sozinho. Mas quem ele procurava era o meu quarto, e não eu. Nenhum deles precisava de confidente (BENJAMIN, 2013, p. 95).

É possível perceber como a escrita de Benjamin faz reverência às imagens, as quais remetem sempre aos lugares de espera, aos cômodos, aos traços do que passou e deixou marca, de modo similar a como o sonho resgata as representações de coisa. Para Freud, a representação de coisa reporta-se ao que, profundamente, marca o psiquismo do sujeito com a mesma força com que é inominável. Nesse sentido que o sonho é, em certa medida, sempre incomunicável e, talvez, por isso mesmo, tão sedutor. Da mesma forma, as cenas narradas por Benjamin em *Infância berlinense: 1900* ganham espaço a partir de suas memórias e suas

fantasias infantis, dando expressão literária e filosófica a esta dimensão inominável e apenas de algum modo comunicável que também somos capazes de experimentar quando sonhamos.

4 Considerações finais

Pensando acerca da experiência de nossa leitura conjunta, vislumbramos os efeitos dessa narrativa que nos fala ao infantil. Lembramos de nossas infâncias, daquilo que escutamos de nossos analisantes e da nossa própria experiência de análise. Falávamos sobre nosso momento sócio-histórico e o formato que os discursos têm tido atualmente. Nesse processo de compartilhamento da experiência, decidimos produzir este escrito e para isso, deixamos um pouco a leitura conjunta. Qual foi nosso choque ao constatarmos que a leitura solitária de *Infância berlinense: 1900* causava-nos impacto avassalador. Se podíamos ler sozinhas, não queríamos. A troca no grupo havia nos possibilitado nos demorarmos na leitura, amaciar, sentir, desdobrar as palavras-imagem. As cenas podiam ser degustadas e metabolizadas. Na promessa de logo retornarmos à leitura conjunta, a escrita também nos reservava uma surpresa. Escrevendo em conjunto, o trabalho fluía, a folha de papel (virtual) nos permitia expressar um pouco do vivido e o olhar atento das colegas fazia ressoar a experiência compartilhada de deixar o inconsciente falar.

Referências

ARIÈS, P. *História Social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 1). p. 36-49.

BENJAMIN, W. *Infância Berlinense: 1900*. In: _____. *Rua de mão única, infância berlinense: 1900*. Ed. e trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 67-116.

BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 768.

BENJAMIN, W. Primeiro Esboço. Passagens Parisienses <I>. In: _____. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

CHAVES, E. Sexo e morte na Infância Berlinense, de Walter Benjamin. In: SELIGMANN-SILVA, M. *Leituras de Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: FAPESP, 2007. p. 131-150.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. IV.

FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: _____. *Obras Psicológicas completas de S. Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. v. 1, p. 243-380.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: _____. *Obras Psicológicas completas de S. Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980b. v. 1, p. 381-520.

FREUD, S. Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. VII.

KEHL, Maria Rita. O sexo, a morte, a mãe e o mal. In: NESTROVSKY, A.; SELIGMANN-SILVA, M (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 137-148.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Recebido em: 18 de dezembro de 2018

Aprovado em: 2 de fevereiro de 2019

